

LESBIANISMO

Jules-France Falquet

A definição de lesbianismo 'é inseparável de um contexto histórico e cultural específico. Com efeito, praticas sexuais e ou amorosas entre mulheres provavelmente existiram e existem nas mais diversas culturas. Testemunham-no, particularmente, as estátuas e os mitos da Índia pré-védica (Thadani, 1996) assim como a expressa poética na primeira pessoa tanto de safo, na ilha de lesbos, como de audre lorde, nos estados unidos, que se declarava guerreira, negra e lésbica (Lorde, 1982). Entretanto, cada sociedade constrói de maneira diferente essas praticas e suas denominações, e sua visibilidade varia de maneira considerável (Mathieu, 1989, 1991^a). O caso das Amazonas, erigidas como símbolo, mas fora da historia, mostra como o sistema de pensamento androcêntrico remete o lesbianismo ao limbo do mito. Foi mais recentemente, e apenas no mundo ocidental, que começamos a atribuir as pessoas uma personalidade especifica baseada nas suas opções sexuais. Algumas historiadoras da homossexualidade citam praticas de "tribadismo" no inicio do século XVIII (Bonnet 1995), e as intervenções da Medicina e da psiquiatria desde a metade do século XIX sobre as "invertidas" e do "terceiro sexo" (Lhomond, 1991), antes que a sexologia e a literatura tivessem fixado o personagem da "lésbica" na Europa da década de 1920 (Tamagne, 2000). Na grande maioria dos casos, as praticas lesbicas sao tanto condenadas como negadas nas culturas patriarcais. Dessa forma, sao pouco estudadas e frequentemente deformadas.

Na Franca, atualmente, é importante distinguir dois termos: homossexualidade e lesbianismo. O primeiro diz respeito a um conjunto de práticas sexuais, amorosas, afetivas, entre duas ou mais pessoas do mesmo sexo. Se essas praticas individuais sao de conhecimento publico, conduzem frequentemente a estigmatização e a repressão. Entretanto, elas podem se tornar públicas de maneira voluntária quando a pessoa "sai do armário", resultando em identidades orgulhosamente reivindicadas. Assim como o termo gay, "homossexualidade possui o inconveniente de colocar no mesmo plano as opções dos homens e das mulheres, pois os homens e as mulheres que vivem essas escolhas sao estruturalmente situadas/os em espaços bastante diferentes no sistema patriarcal.

Além de poder ser utilizado ou reivindicado para descrever praticas individuais de mulheres, o termo "lesbianismo" se refere também a um conjunto de abordagens teóricas e movimentos sociais que problematizam essas praticas. Globalmente, no sentido politico, o lesbianismo pode ser considerado uma crítica em atos e um questionamento do sistema heterossexual compulsório de organização social. Este se baseia na estrita divisão da humanidade em dois sexos, fundamentos de dois gêneros obrigados a manter relações desiguais de "complementaridade" no contexto de uma rígida divisão sexual do trabalho. Nesse sentido, o lesbianismo desestabiliza o sistema dominante, ao representar uma ruptura epistemológica fundamental e incitar uma profunda revolução cultural.

O MOVIMENTO LÉSBICO, O MOVIMENTO HOMOSSEXUAL E O MOVIMENTO FEMINISTA

O lesbianismo, como movimento social, aparece no final dos anos 60 no mundo ocidental e em diversas metrópoles do Sul, numa atmosfera bastante “revolucionária”. Desenvolve-se vinculado à segunda onda do feminismo e ao movimento homossexual construído a partir das “rebeliões” de Stonewall, em 1969 (como resposta a provocação da polícia em bares homossexuais, hoje mundialmente célebres devido as manifestações de “orgulho lésbico e homossexual”, ao estilo das paradas gay). **Entretanto, as lésbicas não demoraram a criticar a misoginia, o funcionamento patriarcal e os objetivos falocêntricos do movimento homossexual, dominado pelos homens.** Armadas pela crítica feminista, expõem publicamente suas discordâncias e fundam suas próprias organizações, como é o caso da *Gouines Rouges*, na França. Simultaneamente, uma parte das lésbicas contribui de modo ativo para a construção do movimento de liberação das mulheres, do qual as organizações lésbicas se consideram parte. Entretanto, diante da reticência do feminismo no momento de reivindicar o lesbianismo, certas lésbicas começam a buscar sua própria via (Cleff, 1989).

O final dos anos 70 assiste a multiplicação das análises lésbicas. Nos Estados Unidos, Adrienne Rich (1981), num artigo celebre, denuncia a heterossexualidade forçada como norma e a subsequente invisibilização do lesbianismo. Para ela, existe um “continuum lésbico” entre todas as mulheres que evitam, de uma forma ou outra, os homens e/ou o sistema da heterossexualidade para reforçar seus laços entre elas e partilham suas energias na luta contra o sistema patriarcal. Dessa forma, Rich se instala no pensamento - revisitado e politizado – da “sororidade” feminista.

Seguindo uma outra ordem de ideias, desde 1978 a francesa Monique Wittig, radicada nos Estados Unidos há anos, afirma a heterossexualidade como um regime político dotado de um sistema ideológico que ela chama de “pensamento *straight*” (Wittig 1980, 2001). Sua análise é vinculada ao feminismo materialista, tendo em vista que ela retoma a noção de “classes de sexos” na qual as mulheres e os homens são considerados categorias políticas que não existiriam uma sem a outra. Entretanto, para Wittig, “as lésbicas não são mulheres”, tendo em vista que elas abandonam a lógica do pensamento *straight*. O elemento central na análise não é tanto o patriarcado, mas o sistema heterossexual. Com isso, Wittig abre espaço para um movimento esbicho autônomo e para um pensamento que sacode o feminismo pelas bases. Na França, suas afirmações alimentarão conflituosos debates já acesos no meio lésbico em torno de posições separatistas relativas às feministas heterossexuais. Isso causará uma cisão política a partir de 1980, especialmente na revista *Questions Feministes*. O editorial do no. 1 (1981) da *Nouvelles questions féministes* apresenta esses debates. Assim, o “lesbianismo político” nasce das diferentes rupturas e das eventuais tentativas de conciliação com o feminismo, razão pela qual ele se apresenta sob formas variadas variadas e às vezes misturadas: 1) o lesbianismo feminista que, criticando o hétero-feminismo, insiste na necessária solidariedade da classe feminina (Green, 1998). Encontra-se aqui a análise da lesbofobia como uma arma contra todas as mulheres. De fato, focalizada nas “maneiras” e na aparência, a lesbofobia defende interesses econômicos

precisos no contextos de uma divisão sexual do trabalho. Ela é utilizada, por exemplo, contra todas as mulheres, de quaisquer opções sexuais, que aspiram a profissões “masculinas” – melhor remuneradas ou de poder – e que podem ser acusadas a qualquer momento de serem lésbicas e por isso condenadas a um verdadeiro ostracismo social (Pharr, 1998); 2) o lesbianismo radical, que retoma os trabalhos da francesa Colette Guillaumin sobre a “sexagem” (Guillaumin, 1978, 1992), para expor, progressivamente, uma outra análise da opressão das mulheres. Para esta corrente, as lésbicas escapam certamente da apropriação privada dos homens, mas não da apropriação coletiva, o que as vincula à classe das mulheres (Turcotte, 1998; Causse, 2000); 3) o lesbianismo separatista, teorizado desde 1973 nos Estados Unidos por Jill Johnston (1973), que frequentemente se traduz pela implantação de comunidades lésbicas que ocupam fisicamente um território. Abrange diferentes tendências, algumas francamente essencialistas, outras atraídas pela devoção à deusa-mãe, e há ainda as que lutam pela criação de uma cultura lésbica.

Todos esses diferentes componentes conformarão o movimento das lésbicas em grupos tão diversos como o Oikabeth (“Mulheres guerreiras que abrem caminho e jogam flores”), nascido em 1977, no México, as *Lesbiennes de Jussieu* que existem desde 1979 na França, ou a coletiva Ayuquelén, fundada em 1984, no Chile, durante a ditadura (Mogrovejo, 2000). Esse movimento busca rapidamente formas de articulação internacional, dentre os quais a Frente Lésbica Internacional, criado em 1974 em Frankfurt, o ILIS (Sistema de informação lésbico internacional), criado em 1977 em Amsterdã e, desde 1987, todos os encontros lésbico-feministas latino-americanos e caribenhos. Os anos 80 são marcados pela multiplicação de revistas, locais e “arquivos lésbicos”, do México a Moscou, passando pela Europa e o Canadá – em particular Québec – com a revista *Amazones d’hier, lesbiennes d’aujourd’hui* [amazonas de ontem, lésbicas de hoje].

DIVERSIDADE DAS LÉSBICAS

De maneira simultânea, aparece uma série de críticas à hegemonia do modelo lésbico (e feminista) branco, ocidental e de classe média. Enquanto se desenvolvem as pesquisas sobre “amizades românticas entre mulheres” (Fadermann, 1981), uma outra história começa a ser escrita, para chamar atenção para a contribuição das lésbicas proletárias na construção das comunidades lésbicas desde os anos 50. O papel das “butch/fem” (butch se referindo às lésbicas “masculinas”) (Triton, 2000) tinha sido desfeito de uma só vez pelo feminismo, que via nele uma reprodução alienada dos papéis masculinos e femininos. Aqui, ao contrário, são reivindicados como uma maneira corajosa de tornar-se visível e como uma busca erótica que afirma a dimensão sexual do lesbianismo (Lemoine e Renard, 2001). Inclusive, certas lésbicas reivindicam o termo dyke não somente para fugir da imagem “soft” e aceitável das lésbicas, mas também por suas conotações populares, como no passado fora o caso de “Jules”.

Também frequentemente proletárias, as lésbicas negras e latinas dos Estados Unidos começaram a criticar o racismo e o classismo do feminismo, desde os anos 70. Algumas dentre elas, como Barbara Smith, fundam organizações autônomas, como a *Salsa Soul Sisters* ou o *Combahee River*

Collective, que misturam lesbianismo e feminismo. Suas análises se estendem rapidamente a denúncia do racismo e do classismo no movimento lésbico (Moraga e Anzaldúa, 1981; Coletivo, 1983). Para que suas próprias palavras não sejam nem recusadas nem apropriadas, elas criam suas próprias estruturas editoriais. Lésbicas de origem asiática e autóctones integram rapidamente a luta das “*black lesbians*”. Atualmente, diversas lésbicas criticam a tendência universalista que projeta no conjunto das lésbicas uma leitura do lesbianismo e dos objetivos de luta tipicamente ocidentais e de classe média. Certamente existem práticas sexuais entre pessoas com um “corpo sexuado feminino” em culturas tão diferentes com a do Zimbábue, Lesoto, Taiti, Peru e Tailândia (Wieringa, 1999). Entretanto, qualifica-las – de fora – como práticas lésbicas é frequentemente uma simplificação reducionista a qual se agrega uma legítima suspeita de pós-colonialismo. Da mesma forma, organizações como a ILIS e ILGA (*International lesbian and gay association*) foram criticadas por sua tendência a exportar estratégias de organização e ação – sobretudo institucionais – dos países do norte para diversos países do sul (Mogrovejo, 2000), embora tenham se esforçado para levar em conta a diversidade das lésbicas. Enfim, na França, o “Grupo 6 de Novembro”, fundado em 1999, reuniu pela primeira vez e de maneira exclusiva lésbicas provenientes da migração – passada ou presente – da escravidão e da colonização, que denunciavam veementemente o silêncio ao qual o racismo do movimento lésbico quer condena-las (*Groupe du 6 novembre*, 2001).

O LUGAR DA SEXUALIDADE

Enquanto uma parte das feministas norte-americanas se lança a exploração da temática da sexualidade, apresentada simultaneamente como fonte de prazer e de perigo para as mulheres (Vance, 1984), algumas lésbicas não hesitam em reivindicar um lesbianismo abertamente sadomasoquista, pregando uma sexualidade fundada no “diferencial de poder” entre os dois parceiros (Samois, 1981) – o que é rejeitado por diversas feministas. Outras, entretanto, desenvolvem uma nova reflexão sobre a sexualidade, que se basearia na hierarquização das sexualidades em que, no pico da pirâmide, estaria a heterossexualidade monógama e procriadora (Rubin, 1984). Para essa perspectiva, o objetivo político consiste em estabelecer uma aliança entre todas as sexualidades “diferentes”, das quais o lesbianismo é somente um exemplo. A partir de 1990, num clima pós-modernista, Judith Butler e a italiana Teresa de Lauretis, residente nos Estados Unidos, iniciam uma nova leitura do gênero e da heterossexualidade, dando, assim, uma base teórica ao movimento queer. Butler (1990) afirma que o gênero seria performático, fluido e múltiplo, o que permitiria as mulheres e as lésbicas agir livremente com um registro identitário variado e mutante. Os “transgêneros”, travestis, transexuais, drag-kings, drag-queens e até mesmo as/os heterossexuais dissidentes viriam romper a trágica bipolaridade dos gêneros.

Somente após algumas décadas do movimento lésbico é que, hoje, o lesbianismo aflui de todas as partes, cada vez mais complexo e variado, contando – mais ou menos abertamente – com locais de sociabilidade e de lazer, espaços multiculturais e artísticos, uma literatura representativa e

meios de comunicação próprios, alguns espaços a margem da insituaçao universitária e redes políticas, que se desenvolvem principalmente no contexto de uma estratégia de visibilidade e identidade. Todavia, essa tendência “comunitária” foi criticada devido ao seu lado às vezes enclausurador, as vezes como expressão de um modelo gay muito influenciado pelo movimento homossexual masculino, e outras vezes como uma política reformista de institucionalização conduzindo a recuperação do movimento e a sua neutralização ou normalização. A luta conta o HIV/AIDS contribuiu para reforçar a organização das lésbicas, aproximando-as do movimento homossexual misto. Em pouquíssimos países ou cidades do Norte ou do Sul houve a conquista de legislações progressistas que proíbem a discriminação em função da “orientação sexual”, ou que reconhecem a união entre mulheres e lhes concedem certas vantagens já consagradas nas uniões heterossexuais, mesmo se questões relativas a docao ou a procriação permanecerem problemáticas. Na França, o PACS foi obtido por meio de uma luta homossexual mista, **ao passo que a Coordenação Lésbica Nacional propõe uma legislação específica contra a lesbofobia.** Realmente podemos falar de conquistas, mas também de um progressivo processo de integração, bastante distante das primeiras críticas radicais, resumidas nos anos 70 pelo slogan das Radicais Lésbicas de Nova York: “Uma lesbica é o ódio de todas as mulheres concentrado em ponto de explosão!” Embora o lesbianismo tenha acompanhado a maior parte dos avanços da sitauação das mulheres, essas evoluções não devem nos fazer esquecer que, na maior parte dos países, e particularmente longe das grandes cidades, o lesbianismo permanece um tabu, perseguido, punido de maneira severa, e que pode simplesmente resultar em assassinato.